

Cognição e Afeto se Entrelaçam no Processo de Ensino e Aprendizagem

*Vera Lúcia Candido de Moraes*¹
*Juliana de Alcântara Silveira Rubio*²

Resumo

Este artigo traz à tona a importância do vínculo Família – Afeto – Escola no processo cognitivo, enfatizando a relação afetiva entre pais e filhos, professores e alunos e ressaltando a sua relevância para o processo de ensino-aprendizagem. Fala também de como a falta de afeto pode influir no emocional de uma criança e intervir na construção do conhecimento, salientando o quanto pais e professores devem levar em conta a dimensão afetiva durante a aprendizagem.

Palavras Chave: afetividade, cognição, aprendizagem, educação, emoções.

1. Introdução

As emoções e os sentimentos fazem parte da vida e interferem em todo o ser, até mesmo no conhecimento e na aprendizagem. Daí o interesse em abordarmos através de uma revisão bibliográfica esse assunto tão antigo e ao mesmo tempo tão contemporâneo, pois o afeto, o carinho, a ternura e a amorosidade sempre foram importantes para o desenvolvimento de uma boa relação social.

Trataremos no decorrer deste trabalho das consequências que a falta de afetividade pode acarretar no íntimo do indivíduo e na sua cognição, porque tudo o que se faz na vida é determinado pelas emoções.

Falaremos também da família, principal responsável pelo bom desenvolvimento do indivíduo, formadora do seu caráter, da sua personalidade, fazendo-o sentir que realmente faz parte da célula familiar, se sentindo amado para onde for, inclusive à escola.

¹ Aluna do curso de pós graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional da UNINOVE.

² Mestre em Educação pela UNESP-Marília. Professora Orientadora.

Acreditamos que com este trabalho poderemos levar à reflexão o desejo de se resgatar valores tão imprescindíveis a uma vida saudável emocionalmente e as relações professor-aluno, família-escola.

Nesse tempo de tanta competição e tanto individualismo, queremos provocar uma aproximação maior do indivíduo com a família, com a escola e com a comunidade em que vive, colaborando para uma boa formação de sua personalidade, para a aquisição e reformulação de seus conhecimentos de uma forma mais prazerosa e satisfatória.

2. O Poder da Afetividade

Não mais se questiona que a afetividade acompanha o ser humano desde a sua vida intrauterina até a sua morte, se manifestando como uma fonte geradora de potência, e sendo o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento racional.

Por isso, a questão da afetividade tem sido bastante abordada, pois se percebeu quão benefícios ela traz ao desenvolvimento cognitivo, mostrando a responsabilidade de educadores (pais e professores) na construção da personalidade da criança.

Ela também é de grande importância para uma vida emocionalmente saudável, pois falar de afetividade é se levar em conta emoções, disciplina, postura, uma constante em todo meio do qual faça parte o ser humano: seja na família, na escola ou qualquer outro ambiente.

Segundo Freire (1996, p.141), “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”, mas é preciso tomar cuidado tanto com a falta de afeto como com afetos desordenados que podem descontrolar os verdadeiros sentimentos.

Os afetos se expressam nos desejos, sonhos, expectativas, palavras e gestos que cada ser humano nutre ao longo da vida, já os vínculos afetivos se tornam cada vez mais condição essencial para o crescimento e o desenvolvimento global da criança, tornando a cada dia a educação mais abrangente, onde deve se preocupar com o educando de uma forma total, respeitando a vida da criança em todas as suas dimensões.

Assim, o desenvolvimento integral da criança só se torna possível com a união do conteúdo escolar e da vivência dela em outros espaços de aprendizagem, pois a relação educativa entre aprendizagem e afetividade só se dá se levar em conta que educar é ensinar a criança a pensar sozinha, a agir de forma emocionalmente sadia para

que haja uma circulação não só do conhecimento e do saber, mas que lhe proporcione bem estar, isto é, uma competência afetiva.

2.1. Emoções e Afetos nas Relações Sociais

Existem muitos problemas de relacionamento nos dias de hoje que podem ser decorrentes das dificuldades que as pessoas têm de estabelecer relações amistosas com o outro.

Os sentimentos tão importantes na vida tornam os indivíduos capazes ou não, de estabelecerem um bom relacionamento com outras pessoas, dependendo da forma que eles vão sendo tratados ao longo dela.

Dessa forma, a falta de afetividade pode acarretar além de prejuízos emocionais também pedagógicos, pois o ato de aprender envolve cumplicidade do aprendiz com o seu educador.

Para Cury (2003, p. 97 e 109), a educação do afeto deve ser a meta de todo educador; os educadores que não provocam a emoção das crianças não educam, apenas informam, assim como dar conselhos e orientações sem emoção também não gera momentos educacionais.

Já Goleman (1995, p. 301) chama as pessoas bem preparadas emocionalmente de “emocionalmente inteligentes”, pois são capazes de controlar seus estados emocionais, têm mais facilidade de concentração, compreendem melhor os outros, tem mais facilidade para fazer amigos, e também têm um melhor desempenho escolar.

Portanto, a afetividade traz consigo a capacidade de ampliação da interação social, solidificando as relações de amizade, promovendo a qualidade dos relacionamentos, proporcionando uma educação com propósitos claros, que por sua vez confere aos objetos do conhecimento um sentido afetivo e significativo.

2.2. Elogios e Críticas – Consequências

Sempre há algum motivo para valorizar o outro, e corrigir não é uma tarefa simples.

Também não existem críticas construtivas, mas sim críticas com afeto, o que faz toda a diferença, pois educa as emoções.

Por isso que para Cury (2003, p.145), antes de criticar, devemos dizer a criança o quanto ela é importante, pois, ao elogiá-la antes de mostrar seu defeito, ela acolherá melhor às observações que lhe serão feitas.

Da mesma forma Goleman (1995, p.167 e 168) salienta que uma crítica habilidosa pode ser uma proveitosa mensagem, pois se concentra no que a pessoa fez ou pode fazer e não em um ataque ao caráter, colocando a criança na defensiva, se fechando, e não se motivando para fazer melhor as coisas. E que tanto as críticas quanto os elogios são mais eficazes se cara a cara e em particular.

Muitos pais e professores não têm o hábito de elogiar seus filhos ou os seus alunos, precisam controlar as suas próprias emoções para que não só se utilizem de críticas, desestimulando a criança e às vezes até de uma forma mais grave, discriminando-a.

As crianças que só escutam críticas de tudo o que fazem, ficam com baixa autoestima, se sentindo inferiores e muito carentes.

Por isso que Tiba (2002, p.68) salienta o quanto é importante para a criança receber um elogio e principalmente que ela sinta que é merecido, alimenta sua autoestima.

A criança tem muita sensibilidade e sente se as pessoas do seu convívio estão sendo sinceras ou não. Mas ser afetivo no elogio não significa só abraçar e beijar.

Como nos diz Almeida (1999, p. 44), o elogio transmitido por palavras substitui o carinho – o diálogo do toque – pois a comunicação oral é um excelente mecanismo de negociação com a criança, e com o tempo, as relações afetivas se estendem para o campo do respeito e da admiração.

O melhor mestre é sempre o exemplo. Toda criança é capaz de perceber as contradições entre o que se diz e o que se faz.

Para Antunes (2005, p. 20), a criança precisa ser sempre muito elogiada em seus acertos, pois isso estimulará a sua capacidade de se sentir alegre, lhe dando coragem para suplantando as dificuldades que encontrar em seu caminho; e que não se deve confundir elogio a “mimo”, pois sendo elogiada a criança percebe o quanto ela é importante e o quanto ela pode contar com aquela pessoa, construindo assim com mais firmeza um sentimento de segurança, afastando muitas vezes um eventual insucesso em alguma iniciativa.

Portanto, todos devem se preocupar em sempre escolher um vocabulário positivo, principalmente quando no papel de educadores, dando conta da prodigiosa força das palavras, para assim não minar potenciais e nem destruir esperanças.

2.3. Relações Familiares com Carinho e com Afeto.

Os pais são os primeiros educadores, responsáveis pela educação e o bem estar da criança, tanto emocional como física, dando-lhe estrutura e bases sólidas não só de amor e de afeto, mas também religiosa e intelectual.

Em famílias desestruturadas, em que o afeto foi esquecido ou deixou de existir, as crianças tornam-se muito arredias e às vezes até agressivas. Resgatar nelas a afetividade pode demorar um pouco, mas quando conseguem sentir novamente o calor de um sorriso, de um afago, voltam a se sentirem acarinhadas, amadas. Crianças que apresentam desajustes ou inadequação no ambiente familiar podem trazer consigo consequências desastrosas com relação ao ensino e a aprendizagem, pois as relações afetivas entre os membros da família se tornam modelo para elas, podendo ser este positivo ou negativo. A criança é o reflexo das atitudes dos seus familiares.

Hoje, as famílias estão muitas vezes sendo negligentes, não preparando os filhos para laços fecundos e duradouros, esquecendo-se que a educação é um processo constante que se refaz todos os dias e querendo que os filhos sejam bons em tudo o que fazem, não lhes dando o direito de errar, e querendo que superem e vençam a qualquer custo os desafios.

O diálogo familiar mais uma vez se faz urgente e necessário; é importante que os pais conversem e também ouçam os seus filhos.

Assim Gottman (1997, p.116) nos diz, que as famílias que tem um bom preparo emocional, falam baixo, com calma, dando aos filhos as informações de que eles realmente necessitam.

É indispensável que os pais possam educar seus filhos com doçura, sendo coerentes, exercendo a autoridade de pais e jamais a delegando a outros, estabelecendo limites claros com determinação e firmeza e principalmente educando-os tanto para o sim como também para o não.

A família tem a responsabilidade de levar a criança para a vida em comunidade, onde a cada momento e em toda a circunstância ela possa se recordar com carinho, do cheiro da infância, do cheiro do pai, do cheiro da mãe, do cheiro do afeto.

2.4. Relações Afetivas dentro da Escola e da Sala de Aula

A escola é o segundo grupo da escala social mais importante na vida das crianças.

Segundo Almeida (1999, p. 13), a partir do momento em que a criança entra na escola, o desenvolvimento infantil adquire um novo rumo; as experiências e os conhecimentos vivenciados na escola, e por meio da escola, passam a ter um papel significativo no desenvolvimento social e afetivo da criança.

Fernandez (1991, p. 74) declara que, para que haja aprendizagem, além do organismo e do corpo, ainda é necessário a intervenção da cognição e do desejo.

Assim a educação não deve ser opressora, ao contrário deve ser especial e marcante, onde os alunos não sejam tratados como um depósito de informações, mas possam mostrar sua capacidade de pensar, agir e interagir, pois elas não se desapropriam dos aspectos afetivos que compõem a sua personalidade ao entrarem na sala de aula.

Por isso, para Weiss (2008, p.22), a aprendizagem só se dá de forma integrada no sujeito que aprende: sentir, exprimir e agir.

Araújo, in Arantes org. (2003, p.165 e 166) questiona: “será que aulas em que os alunos exercem um papel passivo diante dos conteúdos que lhe são transmitidos, se tornarão cidadãos competentes?” E continua: “É claro que não, nada se constrói com base em relações autoritárias e em metodologias de mera transmissão e reprodução do conhecimento”; assim o ser humano só forma a sua inteligência, sua identidade, seus valores, seus afetos a partir do diálogo estabelecido com aqueles que fazem parte da sua realidade cotidiana, no mundo em que vive.

Já para Bassedas (1993, p.26), a escola pode ser uma instituição potenciadora ou, então, pelo contrário, pode ser fonte de conflitos, já que muitos pais com diferentes níveis socioculturais costumam esperar da escola tarefas educativas muito diversas. Até a própria sociedade outorga à escola a missão de educar e instruir os alunos.

Para Weiss (2008, p. 19), a escola precisa se organizar em função de uma melhor possibilidade de ensino e ser permanentemente questionada para que seus próprios conflitos, não resolvidos, não apareçam nas salas de aula, dificultando o processo de aprendizagem.

Hoje as escolas se preocupam mais com a memorização, com que método usar, do que com atividades para estimular o pensamento e a aprendizagem.

Deve-se sempre levar em conta que a escola é um espaço de vivência, de convivência e de relações pedagógicas, espaço constituído pela diversidade e heterogeneidade de ideias, valores e crenças.

2.4.1. Afetividade na relação professor- aluno

A relação entre professor e aluno é o fio condutor, o suporte afetivo de um processo de aprendizagem significativa, pois não aprendemos de qualquer um, mas apenas daquele a quem confiamos e outorgamos o direito de ensinar.

Ultimamente temos observado alguns comportamentos (tanto físicos como morais) entre professor e aluno, deixando-nos atônitos, ora pela atuação do aluno, ora pela atuação do professor.

Segundo Almeida (1999, p.14 e 15), se o professor souber lidar com as circunstâncias emocionais na sala de aula, principalmente na faixa etária da pré-escola, contribuirá e muito para um bom desenvolvimento das atividades escolares, pois a ausência de uma educação que aborde a emoção na sala de aula traz prejuízos para a ação pedagógica, atingindo não só o professor, mas também o aluno.

O aluno como todo ser humano precisa de afeto para ser valorizado e ao entrar para a escola não deixa os aspectos afetivos que compõem a sua personalidade fora da sala de aula; já o professor é o modelo a ser seguido e tudo que ele transmitir afetuosamente será mais bem assimilado e compreendido.

Por isso para Freire (1996, p.86), é fundamental entre professores e alunos, além de momentos explicativos e narrativos, o diálogo, para que a aprendizagem não ocorra de uma forma passiva, enfadonha, mas aberta, curiosa, indagadora.

Para Almeida (1999, p.16), cabe ao professor o papel de mediador na formação do processo de evolução da afetividade da criança, cumprindo assim uma função pedagógica, levando-se em conta a importância da reciprocidade entre afetividade e inteligência.

Portanto, a falta de afetividade nessa relação pode não só comprometer a aprendizagem como mudar uma história de vida.

2.4.2. Parceria Família/Escola.

Geralmente a família procura a escola quando algum problema se torna aparente, principalmente quando o filho apresenta notas baixas.

Na família, normalmente quem mais interage com a escola é a mãe, pois o pai, na maioria das vezes, deixa a responsabilidade da educação dos filhos com a figura materna.

A interação entre a família e a escola não deveria ser reduzida a reuniões de pais e mestres, mas deveria contemplar toda a vida escolar da criança, com momentos de troca de informações e participação do dia a dia da escola.

Embora a família seja parte fundamental na formação da criança, o que se vê hoje é que pais querem transferir para a escola a educação de seus filhos, não participam da vida escolar dos mesmos e não se envolvem no processo de construção do conhecimento, que deve começar em casa.

Pode-se perceber que quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse pela criança, pela escola, pelo que ela está aprendendo, pelas coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e necessidades, elas apresentam maior motivação para aprender e realmente aprendem melhor e se sentem orgulhosas de si mesmas.

O acompanhamento da vida escolar pelos pais é muito importante, e nada justifica a negligência, pois mesmos eles não podendo estar presentes sempre, por motivo de trabalho, compromisso, etc., devem se mostrar interessados pela vida de seus filhos, justificando a ausência, principalmente em sua vida escolar, pois o filho irá sentir que é amado e que os pais, quando podem, lhe dedicam todo o seu tempo, se interessando por ele.

Para Bassedas (1993, p.26), o sistema familiar possui um papel bastante relevante no referente à educação, mas deverá haver um inter-relacionamento contínuo com o sistema escolar, mesmo que nem sempre sejam obtidas atuações adequadas, já que, muitas vezes, agem como sistemas contrapostos mais do que sistemas complementares.

A escola é uma instituição que complementa a família e ambas precisam ser um lugar agradável e afetivo para os alunos/filhos. Uma depende da outra para alcançar seu objetivo maior, influir no cognitivo da criança para que ela aprenda e assim ter um futuro melhor.

2.5. Resgate de Valores

Tem certos valores na vida que são eternos, principalmente os valores morais. Quando transmitidos com afeto, permanecem para sempre na memória emotiva.

Cabe aos educadores trabalhar e propagar esses valores, desenvolvendo talentos e habilidades imprescindíveis ao crescimento intelectual e emocional do indivíduo.

Os pais são espelhos para os filhos e a família e o lar devem ser o seu porto seguro, para que fora de casa, principalmente na escola eles possam gerenciar bem as suas emoções e assim tornar o seu processo cognitivo e de aprendizagem, um momento de orgulho e prazer para si próprio e para todos que o amam.

Os professores são insubstituíveis, pois por mais que os avanços tecnológicos estejam a favor deles, nada pode ser comparado ao valor de um abraço, de um aperto de mão, ao calor de um sorriso, a uma educação olhos nos olhos. É preciso sim transmitir esses valores a novas gerações.

Para Antunes (2005, p. 18), ensinar a uma criança os bons sentimentos é ensinar-lhe ética, moral, virtudes que ela precisará ter em toda a sua vida, em qualquer tempo e onde quer que esteja, pois o respeito pelo outro, a cortesia, a educação, a solidariedade, a percepção clara dos limites, são normas essenciais a todos em qualquer época e em qualquer lugar.

As crianças são esponjas e assim o exemplo e o testemunho são valores que jamais deverão ser deixados de lado pelos educadores.

Freire (1996, p.34) nos diz, que o professor que está realmente preocupado com o ensino pensa certo e faz certo e sabe que as palavras sem o exemplo, sem o testemunho pouco ou quase nada valem.

Por isso não é só incorporar valores, mas vivê-los de forma a acreditar que é possível mudar uma história, uma vida.

2.6. Educação de Forma mais Prazerosa e Satisfatória

Só se aprende com prazer quando se é ensinado com afeto. Tudo que é imposto pode ser até aceito, mas não aproveitado; daí a causa de alguns fracassos escolares.

É preciso ter o cuidado em ser transparente, de se expressar com clareza e pensar nas consequências do que se é transmitido à criança.

Adequar a tarefa às possibilidades do aluno, fornecer meios para que realize a atividade confiando em sua capacidade, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva.

Goleman (1995, p.93), ao desenvolver o conceito de inteligência emocional, salienta que aprendemos sempre melhor quando se trata de assuntos que nos interessam e nos quais temos prazer.

A educação tem de surpreender, cativar, conquistar, encantar, entusiasmar, seduzir a todo momento, fazendo que o conhecimento se construa com atividades que excitam a curiosidade, a imaginação, a criatividade.

O aluno precisa aprender a ser feliz e descobrir o prazer de aprender; os educadores também devem cultivar bons sentimentos, para poder transmitir, estimular e contagiar seus educandos, gerando entusiasmo e desejo em aprender, que irão proporcionar um bom desempenho escolar e contribuir para o progresso social, adquirindo a capacidade de exercer trabalhos dignos, que dêem prazer, e os façam se sentirem honrados ao executá-lo.

O mais importante é que toda criança deve ser tratada devidamente para que consiga alcançar o seu objetivo: aprender.

.Ao fim, mestres e aprendizes fascinados com a arte de extrair o melhor de si, sentirão que todo esforço e todo sacrifício são, com certeza, compensadores, pois acabam sempre originando muitas conquistas.

3. Considerações Finais

Todo ser humano precisa de limites, mas de carinho e amor também. O afeto tem o poder de corrigir (correção fraterna), colocar limites sem ferir, e ao mesmo tempo trazer à tona a humildade para que se aprenda uns com os outros a grande arte de se viver bem, harmoniosamente e felizes.

Pelas mudanças ocorridas ao longo do tempo na estrutura familiar, muitas famílias hoje não conseguem estabelecer vínculos e nem limites aos filhos - hoje se fala em família nuclear e família ampliada - e acabam privilegiando o ter ao ser, deixando a criança sem parâmetro para os seus caminhos. É preciso esclarecer aos pais a importância da presença deles na vida de seus filhos, principalmente na vida escolar, e trabalhar a necessidade do vínculo afetivo nas relações familiares.

É crescente o número de trabalhos realizados sobre a importância da afetividade no processo cognitivo do sujeito, mas a sua relevância para a educação ainda é pequena.

Algumas escolas ainda insistem em ignorar que para um bom desenvolvimento infantil não se pode desassociar a relevância dos aspectos afetivos e cognitivos no processo de aprendizagem; consideram apenas o aspecto cognitivo como fator decisivo na conquista do saber.

Ao professor cabe a responsabilidade de não só transmitir conhecimentos, mas colaborar para se desenvolver um relacionamento de respeito e admiração, pois ele deve estar bem ciente que pode influenciar o educando tanto de forma positiva como negativa; e acima de tudo compreender que é necessário afeto para que a aprendizagem ocorra de uma forma proveitosa, levando o aluno a encontrar o seu caminho e a ter realizações significativas.

Realmente se sentir amado é uma alavanca para se conquistar, se superar, enfrentar as situações e se sair bem delas.

A ausência de uma educação que aborde a emoção tanto na sala de aula quanto na família traz prejuízos que não poderão ser corrigidos pela ação pedagógica, resultando em grandes dificuldades de cognição e aprendizagem por parte da criança

Para amenizar alguns desses problemas, o psicopedagogo é indicado para diagnosticar, através de testes, atividades pedagógicas, histórias, jogos, etc., possíveis distúrbios e assim tomar as providências necessárias junto à escola, ao professor ou à família, orientando-os ou os conduzindo para um tratamento mais específico.

Deve-se lutar para que haja um resgate da valorização do professor, com condições de ensino e salário mais justos, para que haja uma política de ensino que possa abranger a todos os cidadãos, para que se elimine radicalmente com o analfabetismo, e para o progresso do nosso país.

Acima de tudo é preciso saber que o que dá testemunho do afeto não é a declaração que a linguagem das palavras permite, mas é a linguagem dos gestos que se concretiza diariamente.

Para se alcançar todos esses objetivos é preciso que se resgate de forma categórica um grande valor moral e social – a dedicação - sem ela as metas não serão atingidas.

Mas a relevância da afetividade deve ser um assunto contínuo, para que se possa desenvolver uma boa Pedagogia do Afeto, permeada por sentimentos e emoções que

confira ao educando uma boa autoestima, favorecendo assim o processo cognitivo de toda uma vida.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BASSEDAS, Eulália et al. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. São Paulo: Artmed, 1993.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**; Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLEMAN, Daniel, PhD. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOTTMAN, John, PhD com JOAN DeCLAIRE. **Inteligência emocional e a arte de educar nossos filhos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2002.